

## ESTEREÓTIPOS DO PSICÓLOGO EM MOGI DAS CRUZES

**Carolina Gonçalves Mutafi<sup>1</sup>; Rogério Mitsuo Odorize Ikematu<sup>2</sup>; Gabriel Tarragô Santos<sup>3</sup>**

Estudante do Curso de Psicologia; e-mail: carol.mutafi@gmail.com<sup>1</sup>

Estudante do Curso de Psicologia; e-mail: rogerioikematu@hotmail.com<sup>2</sup>

Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: gabtarrago@gmail.com<sup>3</sup>

**Área do Conhecimento: Processos Grupais e de Comunicação**

**Palavras-chave: Representação Social; Psicologia; Profissionais de Saúde**

### INTRODUÇÃO

Partindo do princípio que vivemos em um mundo rico em diversidade e do processo de identificação e distinção entre grupos sociais por meio da representação social, elegemos, em detrimento de outros, um grupo para pertencer. O (grupo) não escolhido pode passar por uma desvalorização, e ser achatada numa visão estereotipada, perpassada por idéias pré-concebidas que nem sempre se aproximam da realidade, a Psicologia e os psicólogos, como uma área de estudo e um grupo profissional também está sujeito a estereotipia, e este trabalho justifica-se pela possibilidade de verificar, em uma cidade com duas Universidades formadoras de Psicólogos, se este grupo de profissionais possui estereótipos identificados por seus moradores.

### OBJETIVOS

O objetivo geral foi identificar estereótipos do psicólogo entre universitários e não universitários pertencentes a diversas classes sociais moradores de Mogi das Cruzes, e, mais especificamente: 1) Identificar campos de atuação profissional ao qual o estereótipo é mais associado; 2) Identificar a relação entre o grau de escolaridade e estereótipo de psicólogo apresentado; 3) Identificar características diversas associadas ao profissional de psicologia; e 4) Verificar se o estereótipo apresentado se aproxima da realidade do profissional de Psicologia.

### METODOLOGIA

Foram participantes da pesquisa 100 pessoas de ambos os sexos, com idade entre 18 e 60 anos, de diversas classes econômicas, moradores da cidade de Mogi das Cruzes, divididos em dois grupos de 50 indivíduos, o grupo A de não-universitários e grupo B de universitários. O material utilizado para coleta de dados foi um questionário baseado na pesquisa de WEBER (2002), com algumas modificações, totalizando seis perguntas abertas e onze fechadas. As entrevistas foram realizadas aos sábados na Rua Doutor Deodato Wertheimer, por ser um local comercial, com fluxo intenso de. Os entrevistados eram abordados aleatoriamente e convidados a participar de uma pesquisa e/ou um trabalho de faculdade. Foram feitas 129 entrevistas, sendo que destas 29 foram descartadas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das cem entrevistas válidas, 56% eram mulheres, 44% eram homens, a amostra da população foi dividida em dois grupos, o grupo A, de não universitários e o grupo B. No primeiro grupo 62% eram mulheres e 38% eram homens; todos alfabetizados, 4% estudaram até a 5ª série do Ensino Fundamental, 18% até a 8ª série do Ensino Fundamental, 10% não completaram o Ensino Médio, e 68% concluíram o Ensino Médio. No grupo B, 50% eram mulheres, 50% eram homens, 68% estavam cursando nível superior. Como no questionário de WEBER (2002), esta pesquisa também contém uma segunda parte, fechada e com três opções de resposta – *concordo*, *discordo* e *não sei* - para 11 afirmações. Existe uma dominância, igual ou maior a 80%, nos dois grupos em relação às questões: *uma pessoa pode procurar um psicólogo quando precisar de ajuda em seus problemas; uma pessoa pode procurar um psicólogo quando estiver com problemas de comportamento; uma pessoa pode procurar um psicólogo quando estiver com problemas como vícios, depressão, estresse e etc.; uma pessoa pode procurar um psicólogo se quiser se conhecer melhor; uma pessoa pode procurar um psicólogo se precisar de ajuda e não encontrar na família ou nos amigos, e, o psicólogo pode ajudar os pais a educarem melhor seus filhos.*

Os dois grupos discordam com porcentagem igual ou maior a 80% nas questões: *uma pessoa somente deve procurar um psicólogo se tiver problemas mentais; ninguém precisa procurar um psicólogo, e; psicólogo é aquele que somente trata de loucos.*

Somente duas afirmações têm opinião mais dividida, a de número 14, *todos devem consultar um psicólogo* tem no grupo A 46% de sujeitos que concordam, 46% que discordam e 5,97% que não sabem; no grupo B 46% concordam, 42% discordam e 12% não sabem. A afirmação de número 17, *psicólogo fica analisando outras pessoas o tempo todo*, teve no grupo A 50% dos indivíduos entrevistados que concordam, 46% que discordam e 2,99% que não sabem, já no grupo B 36% concordam, 50% discordam e 14% não sabem.

## CONCLUSÕES

Para o Grupo A, observou-se que o psicólogo aparece como um profissional que ajuda, orienta, avalia, analisa. Seu objeto de estudo caracterizou-se como a mente, o inconsciente, a personalidade o íntimo. Para o Grupo B, observou-se que o psicólogo ainda é um profissional que ajuda orienta, avalia, analisa, mas que além de trabalhar com a mente, com o inconsciente, com a personalidade e com o íntimo, trabalha com o comportamento, mostrando o profissional como auxiliar em questões de atitudes. Pode-se propor uma possível transição da idéia do objeto de estudo do psicólogo para uma visão mais científica ou, ao menos, uma visão menos psicanalítica. Comparando os resultados das questões da sessão fechada do questionário de WEBER (2002) nota-se uma semelhança muito grande, inclusive de porcentagem de respostas entre a pesquisa curitibana e a pesquisa mogiana, ou seja, não houve diferença significativa.

Nas perguntas sobre a identidade do psicólogo (*quem é*), qual a sua atividade (*o que faz*), qual o objeto do seu trabalho (*com o que trabalha*) e quem é seu público (*com quem trabalha*), tanto no grupo A quanto no grupo B houve uma incidência grande de respostas como *não sei* ou participantes que *não responderam*, talvez isso tenha sido uma falha do aplicador, uma vez que o sujeito respondia a uma dimensão da pergunta e deixava de responder a outra, ou, talvez teria sido melhor aumentar o número de respostas abertas, desde de que cada uma tratasse de apenas uma dimensão do conhecimento verificado. Os entrevistados não sabiam definir o psicólogo, mas sabem onde encontrá-lo. Em relação aos locais que o psicólogo pode trabalhar, muitos entrevistados citaram mais de três locais, os dois mais lembrados estão associados à

saúde, sendo estes a *clínica* e o *hospital*, e, também com boa parcela de resposta estão à *empresa* e a *escola/universidade*, em ambos os grupos.

Durante a aplicação do questionário, muitas entrevistas se contradiziam entre a sessão aberta e a fechada, chegando ao ponto do entrevistado, algumas vezes, solicitar a mudança de alguma resposta dada, fica a sugestão de elaborar uma pesquisa com estereótipos que utilize como método a análise do discurso, com a hipótese de que esta opção de coleta de dados traga mais conteúdos do que o método quantitativo, talvez possa reduzir o não dizer e o não saber, como tantas vezes as pessoas sabem algo e não sabem explicar como o interlocutor ‘espera’ ouvir.

Uma sugestão é que a pesquisa poderia feita com grupos focais, buscar os participantes em escolas, de acordo com as escolaridades categorizadas. Um procedimento que poderia auxiliar em alguns esclarecimentos seria separar por idades os participantes (que foram ou não a um psicólogo) para comparar a representação social do profissional psicólogo através das gerações, verificando desta forma se há alteração de conceito.

Entre observações e sugestões, conclui-se que a representação social do psicólogo em Mogi das Cruzes apresenta diferenças sutis em relação à escolaridade, está mais associada à prática clínica, sem contudo findar-se nela e que quando estimulados pelas questões fechadas, a visão que se tem da profissão é mais próxima da realidade, não havendo assim, um estereótipo, fortemente ligado a preconceito, que se supunha na justificativa deste trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Atribuições profissionais do Psicólogo no Brasil - Contribuição do Conselho Federal de Psicologia ao Ministério do Trabalho para integrar o catálogo brasileiro de ocupações.** 17/10/1992. [on line] [http://www.pol.org.br/pol/cms/pol/legislacao/normatizacao/atribuicoes\\_profissionais\\_psicologo.html](http://www.pol.org.br/pol/cms/pol/legislacao/normatizacao/atribuicoes_profissionais_psicologo.html)

FICHTER, Joseph H. **Sociologia.** São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1973; GUERRA, Paula Bienrenbach de Castro. Psicologia social dos estereótipos. **Revista Psico USF.** V 7, 2 ,239-240, 2002

HERZLICH, Claudine. A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença. **Physis.** 57-70, 2005.

MENIN, Maria Suzana de Stefano. Representação social e estereótipo: a zona muda das representações sociais. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília.** V 22, 1, 43-51, 2006.

WEBER, Lidia Natália Dobrianskyj, PAVEI, Camila Addison; BISCAIA, Pedro Imagem social do psicólogo e da psicologia para a população de Curitiba: 12 anos depois. **Psicologia Argumento,** 23(40), 19-30, 2005.

## AGRADECIMENTOS

A UMC pela concessão da bolsa estudo, ao CNPq pelo incentivo ao desenvolvimento científico, ao orientador Prof. Gabriel Tarragô, ao Prof. Luiz Humberto Sivieri, à Prof<sup>a</sup> Lidia Weber e, especialmente, aos colegas de classe.